Da Boneca à Cuidadora

Desde os primeiros anos de vida, as crianças são expostas a um conjunto de objetos simbólicos que refletem e reforçam os papéis sociais associados ao género. Esta socialização precoce, aparentemente inofensiva, inicia-se muitas vezes através dos brinquedos oferecidos às meninas: bonecas que choram, que se alimentam com biberão, que usam fraldas para trocar; pequenas cozinhas de brincar, conjuntos de chá, tabuazinhas de engomar. Através destes objetos, veicula-se um modelo de feminilidade centrado no cuidado, na maternidade e nas tarefas domésticas, reproduzindo de forma quase invisível a divisão tradicional de género. A mensagem é simples: a mulher será a cuidadora.

Também acredito que, por causa disto, haja tantas jovens — ainda adolescentes — que engravidam, pois, inconscientemente, esta cultura torna-se normal.

Mais recentemente, observamos o surgimento das chamadas *Barbie girls*, que reforçam não apenas o papel da mulher como cuidadora, mas também como símbolo de beleza idealizada: bonecas maquilhadas, com roupas da moda, carros luxuosos e padrões corporais irreais. Estas representações geram expectativas sociais que vão muito além da brincadeira. Elas constroem um imaginário feminino focado na aparência, na passividade e no sucesso associado à estética, projetando um ideal de mulher "perfeita", amplamente divulgado nos media.

As Barbies apareceram. Após alguns anos, aparecem as redes sociais e, com esta progressão, eis que aparece o OnlyFans, onde se veem jovens muito novas a fazerem conteúdo tipo Barbie; outras, a fazerem conteúdo infantilizado, usando roupas infantis; outras, em modo de *Dominatrix*. O que elas têm em comum? O acreditar piamente que são empresárias de sucesso. Mas a verdade é que, independentemente do tipo de conteúdo, estão novamente **a cuidar** de todos os homens que as veem.

Ainda há mais. Muitas delas — senão 99% — quem faz os vídeos delas e tira as fotos são os companheiros delas. **Violentíssimo.** Simplesmente violentíssimo a nível emocional.

Como lidam com isto emocionalmente? Auto-compensam-se. Mais um carro topo de gama (mais uma boneca), mais roupas de marca (mais um mini serviço de chá)... e por aí adiante.

A questão que se coloca é: será isto justo para as crianças?

A resposta, do ponto de vista sociológico, é negativa. Ao delimitar desde cedo os caminhos possíveis para meninas e meninos, a sociedade está a restringir o desenvolvimento pleno da identidade e da autonomia. Pior ainda: estas práticas

contribuem para a normalização de fenómenos como a hipersexualização da infância, a aceitação precoce da maternidade adolescente e a exposição de jovens mulheres a contextos digitais como o OnlyFans, onde o corpo feminino é transformado em objeto de consumo.

Não se trata de moralismo, mas sim de uma crítica fundamentada ao modo como o género é socialmente construído e reforçado através de instrumentos aparentemente neutros, como os brinquedos. Tal como defende Simone de Beauvoir: "não se nasce mulher, torna-se mulher." E esse "tornar-se" começa bem antes da adolescência — muitas vezes, começa na prenda de aniversário dos dois anos.

Acaba, assim, por haver uma definição precoce de tarefas e papéis que limitam a liberdade pessoal. Muitas meninas crescem com uma sensação de inadequação — como se algo nelas estivesse fora do padrão. Este processo cultural, silencioso e contínuo, gera um sentimento de vazio existencial e de insuficiência. A mulher, ao internalizar o papel de cuidadora como missão de vida, muitas vezes esquece-se de si própria. E o resultado pode ser devastador: entra em relações tóxicas, muitas vezes violentas, onde o seu papel é manter o equilíbrio emocional do agressor, acreditando que, se cuidar melhor, ele mudará.

É aqui que se encontra um dos grandes paradoxos sociais: mulheres que permanecem em contextos de violência doméstica são frequentemente julgadas por não reagirem, por não saírem. Mas o que a sociedade raramente compreende é que a raiz dessa passividade aparente está no processo educativo de género. Desde pequenas, estas mulheres foram ensinadas a proteger, a ceder, a acalmar. Assim, quando o agressor explode, a primeira reação é: "a culpa é minha." E a segunda: "se eu mudar, ele também muda."

Ouve-se com frequência frases como: "se fosse comigo, já tinha saído" ou "ela está nessa situação porque quer." Outras vezes, surgem soluções que parecem simples, como: "bloqueia o número dele." O que estas frases ignoram é o nível de controlo psicológico e emocional que está em jogo. Muitas mulheres sabem que bloquear o telefone pode provocar uma reação ainda mais violenta. Elas não têm medo de perder o contacto — têm medo do que pode acontecer quando ele perceber que perdeu o controlo.

Pior: depois, o sistema judicial chama estas mulheres a depor. E eis que começa a verdadeira loucura do sistema — de um sistema que não desafia as suas crenças.

Estas vítimas de violência doméstica seguem este rumo:

Cheias de vergonha, têm que contar em voz alta à PSP o que o agressor lhes faz. A seguir, vão para a investigação criminal e têm, novamente, que contar — desta vez a um inspetor — a história toda.
Como se não bastasse, têm que preencher um questionário deficiente, de forma a se verificar se é válido o que elas estão a queixar-se. O questionário é tão, mas

tão deficiente, que tem lá: “foi vítima de abuso sexual por parte do agressor?” — mas esqueceram-se de colocar: “o agressor não tem relações sexuais consigo como forma de punição?” — isso não está lá.

Se a mulher tiver marcas, segue para a Medicina Legal para tirar fotos e, mais uma vez, contar o que lhe aconteceu a estas novas pessoas.

Por último, chega a tribunal. E eis o cenário violento:

Juiz sentado à frente a uma mesa. Procuradora do outro lado, sentada à frente a uma mesa. Advogado do agressor, do outro lado, sentado à frente a uma mesa. E a vítima, sentada de frente, numa cadeira, sem direito a mesa. **Completamente exposta**, de corpo e alma, sem uma mesinha — nem que fosse pequenina — para algum conforto, para poder esconder um pouco da vergonha e da culpa que está a sentir naquele momento, por ter que, mais uma vez, contar a história toda.

Agora digam-me: **isto não é também uma forma de abuso emocional?**

Estas mulheres não reagem em ambos os casos porque, mais uma vez — e de forma obediente — estão a fazer o que acham que era suposto fazer na sociedade.

Ora bem. A sociedade, ao atribuir desde cedo às meninas brinquedos e funções ligadas ao cuidado, está, na prática, a domesticá-las para a subserviência.
Quando uma criança brinca com uma boneca a quem dá de comer e muda a fralda, ela aprende que cuidar do outro é mais importante do que cuidar de si.
Quando brinca com uma cozinha, aprende que alimentar os outros é uma tarefa sua.
E, mais tarde, quando entra numa relação, não questiona porque é que está a sacrificar-se — **acha natural**.

Estas construções simbólicas moldam comportamentos, crenças e tolerâncias.
Questionar os brinquedos, as narrativas e os símbolos que entregamos às nossas crianças não é um capricho pedagógico — é um **ato político**.
É preciso romper com esta cultura que, ao mesmo tempo que condiciona, depois **culpabiliza as vítimas pela sua falta de reação**.
A raiz da violência doméstica, muitas vezes, não está apenas na relação — está na **educação emocional e simbólica** que antecede essa relação por muitos anos.

Cumprimentos,

Ivone Vale